

Nome da publicação: Revista J Magazine

Tipo: Periódico Mensal

Título da coluna: Desenvolvimento

Data: Novembro de 2009

Sete cidades, sete pecados capitais

É impressionante as analogias em que as sociedades locais se enquadram, principalmente quando partem para a explicação de aspectos inicialmente sem nenhuma correlação. Qual é a relação existente entre o matrimônio e a cor amarela? Qual semelhança guarda a nota musical "dó" com a segunda-feira? Inicialmente nada, não é mesmo? Porém, estas relações podem ser muito bem explicadas se atentarmos que ambas são compostas de unidades pertencentes a um grupo único de fundamentos. São compostos de "sete" unidades. Sete são os sacramentos da igreja católica e as cores do espectro, as notas musicais e os dias da semana. Pitágoras, pai da matemática, dizia que o número sete é sagrado, perfeito e poderoso a ponto de trazer à tona máximas da sociedade moderna, como as sete maravilhas do mundo. Como nossa região também consagra o número sete como a quantidade de cidades existentes em nosso território, resolvi estabelecer se o "nosso sete regional" guarda alguma correlação com "outros setes". Observando o comportamento histórico dos sete municípios do Grande ABC no Consórcio Intermunicipal, percebi que fazer uma analogia bem humorada destas cidades com cada um dos pecados capitais não seria de todo leviano, já que alguns pecados cabem perfeitamente sobre a forma de atuação nesta instância regional.

Para São Caetano do Sul, por exemplo, nenhum outro pecado capital caberia tão bem quanto a soberba. Os azulões sempre se consideraram seres superiores na região, a ponto de até torcer o nariz para os problemas econômicos e sociais dos vizinhos "malditos". À época da Tortorelândia, raramente se via uma participação mais efetiva no Consórcio.

Já o pecado da luxúria se encaixa perfeitamente em São Bernardo do Campo. Nosso maior PIB regional mostra ter um prazer incondicional em dominar a região com sua força econômica. Tem muita impulsividade em demonstrar grandeza. Alguns projetos urbanos, que evidentemente ainda estão apenas no papel, mostram que São Bernardo tem prazer pelo excesso.

No meio do fogo cruzado entre a soberba dos azuis e a luxúria dos batateiros, está Santo André. Ter que conviver em regime de conurbação e espremido entre os dois vizinhos ricos lhe causa alguma irritação. Como anfitrião das reuniões, por vezes não esconde seu descontentamento e parte para o ataque ideológico até que seja ouvido. É meticuloso e até perfeccionista, talvez a origem desta demonstração de ira com os vizinhos.

O apego que Mauá demonstra ter pelo Pólo Petroquímico é latente. Afinal, sua economia depende excessivamente desta fonte. Porém, como seu maior tesouro é compartilhado com Santo André, Mauá demonstra certo receio

em ser engolido no Consórcio quando o assunto caminha para o setor plástico. Torna-se, portanto, detentor do pecado capital da avareza, já que seu sentimento de escassez frente aos vizinhos, é histórico.

Nenhuma outra cidade sente-se tão socialmente injustiçada como Diadema. De certo, olha para seus vizinhos e pergunta-se o porquê da letra "D" não somar-se ao já tradicional "ABC". Afinal, seria natural sua inserção já que a sequência alfabética lhe beneficiaria. Sua pujança econômica e o famoso Pólo de Cosméticos lhe dão um status de potência, mas sua força externa nem sempre é reconhecida no âmbito regional. Deste certo distanciamento instituído pelos seus vizinhos é que parte sua inveja. Pela sua força econômica, acha que deveria adquirir um patamar de maior protagonismo na região.

Ribeirão Pires talvez seja a cidade mais simpática. A revitalização do centro a deixou bem mais agradável, mas ainda necessita avidamente de recursos para seus problemas sociais. Por conta disso, tenta abraçar tanto o lado industrial como o de cidade preocupada com o meio ambiente. Sua luta é para receber um status de estância ecoturística ao mesmo tempo em que adoraria que indústrias *pesadas* estivessem em seu território. Sua gula econômica a impede de definir um caminho mais preciso de desenvolvimento.

Por fim vem Rio Grande da Serra e o pecado capital da preguiça. Seu afastamento geográfico e seus gravíssimos problemas sociais internos a tornam desprezada de assuntos que envolvam a região como um todo, fato que a torna um ente mais acomodado e lento nestas questões.

Sete cidades, sete pecados capitais. Talvez, algum dia, poderei também escrever outra humorada analogia com as sete maravilhas do mundo.